

Carlos Rodrigues Brandão: representações e construção bio-bibliográfica

André Souza Martinello¹

Resumo: Através da abordagem da biografia e da crítica ao biografar, o presente artigo aponta como se estabelecem expressões para constituição de um discurso competente e quando a mídia (no caso analisado, imprensa escrita) pode reforçar a ideia de uma autoridade tanto visando uma opinião representativa como “especializada”, de maneira que constitui um estatuto de veracidade para o próprio texto jornalístico. Em seguida, o trabalho busca compreender como um autor apresenta parcelas de suas histórias de vida – biografia – de maneira a também constituir-se em voz autorizada a respeito de determinado tema, legitimando seus escritos pelas suas vivências. A discussão teórica a respeito da biografia perpassa o artigo como forma de entender a construção da autoridade competente pela imprensa, bem como os limites do biografar, como se apresentam na fala do autor, Carlos Rodrigues Brandão.

Palavras-chave: Carlos Rodrigues Brandão. Biografia. Construção de si. Autor.

Abstract: Through the approach of biography and criticism to biography, this article shows how to establish expressions for the formation of a competent speech and when the media (in this instance, the press) can reinforce the idea of seeking an authority both as a "specialized" representative opinion in a manner that constitutes a status of truth for the very journalistic text. Then, the paper seeks to understand how an author presents portions of his life stories - biography - in order to also be in authoritative voice on a particular theme, legitimizing their writings by their experiences. The theoretical discussion on the biography through the article as a way to understand the construction of the competent authority in the press as well as the limits of biography, as presented in the speech of the author Carlos Rodrigues Brandão.

Keywords: Carlos Rodrigues Brandão. Biography. Building itself. Author.

“[...] quando você começa a pensar sobre alguma coisa,
o encantamento desaparece.”
Ruben Alves (2006, p.48).

Introdução

Em setembro de 1977 uma revista de circulação nacional apresentava em cinco páginas, uma reportagem na seção intitulada *Cultura*, na qual lançava a seguinte pergunta: “Folclore brasileiro só para turista ver?” (REVISTA..., 1977, p. 84). A matéria jornalística apontava que a comercialização, ou a mercantilização de manifestações artísticas, culturais e festivas estava não só descaracterizando a espontaneidade e livre-expressão das apresentações e representações culturais em várias localidades, cantos e regiões do país, mas mais do que isso, as práticas folclóricas e rituais tornados consumo ultrapassavam o caráter “natural” que deveriam motivar a existências desses espetáculos. A matéria jornalística parecia querer

¹ Mestre em Desenvolvimento Rural pela Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Mestrando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, historiador pela mesma instituição. Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina/UDESC. E-mail: andresoumar@gmail.com

encontrar a condição moribunda de determinadas manifestações culturais, pela própria revista descrita e interpretada como sendo as mais profundas e verídicas da sociedade brasileira.

A reportagem problematizava: o Estado através de secretarias governamentais, como aquelas responsáveis pela promoção do turismo, educação, cultura ou esporte-lazer, deveria incentivar e intervir como principal patrocinador para realização das apresentações artísticas? Ou a alocação de recursos e financiamentos contribuiria para caráter de “artificialização” dessas apresentações, auxiliando assim para uma possível perda da autenticidade e caráter (entendido como) verídico do folclore?

Ladislau Noel Ferraz, presidente da empresa de turismo de Goiás, a Goiastur, explica por que deu ajuda às manifestações folclóricas de sua região: *“Já se falava em não promover a próxima cavalhada de Pirenópolis, por falta de recursos. Como a festa atrai milhares de turistas todos os anos, procuramos colaborar com os festejos e instalar um mínimo de infra-estrutura para os visitantes. A ajuda financeira sempre ficou sob a coordenação dos imperadores. Financiamos fantasias, selas, botas, espadas. E fizemos renascer manifestações que já não eram vistas na festa”*. (REVISTA..., 1977, p. 85)

Como aponta o trecho acima, retirado da reportagem, para satisfação dos turistas, festejos e manifestações já mortas pareciam ser resgatadas em Goiás e, ainda, além de uma estrutura básica ao visitante que vem de fora, segundo a mesma matéria, havia preocupação na manutenção dos comportamentos e padrões ditos folclóricos. Para a perpetuação das cavalhadas, por exemplo, a empresa estatal de turismo depositava capital monetário. Os recursos financeiros disponibilizados eram ditos como de “tal equilíbrio” que evitava a dependência ou “acomodação” das pessoas realizadoras e envolvidas nas práticas dos rituais do folclore. A intenção estatal media os recursos de forma a serem o “mínimo” para as pessoas se motivarem na realização dos festejos e o “máximo” para que essas não se tornassem dependentes dos mesmos: “Por isso a política da Embratur é apenas orientar o apoio dos órgãos regionais de turismo: *‘Dosamos o apoio para que o grupo folclórico não fique dependente’*, conclui Saïd Farhat presidente da Embratur.” (REVISTA..., 1977, p. 85). “E parece não haver má fé por parte das autoridades do turismo [...]” (REVISTA..., 1977, p. 85), afirmava a mesma revista, legitimando assim um estado de “positiva” conduta e gestão dessas autoridades públicas.

Para dar mais caldo à “embromação”, ou também para confrontar as autoridades do turismo, a revista utiliza-se das autoridades folclóricas, e entre essas, representantes de universidades, professores, acadêmicos e cientistas sociais. A busca da opinião desses por parte da revista, talvez não tenha sido com a intenção de resolução da questão sobre o futuro

do folclore, colocando um ponto final; o discurso competente da autoridade em folclore é utilizado pela própria imprensa como possibilidade e meio de manter e apelar para a divergência, domando um aparente debate. Torna a questão um confronto com contradições e a reveste como um “verdadeiro problema” e que exige não apenas resposta, opiniões e resoluções por parte dos “intelectuais do folclore”, como dá caráter de veracidade aos diversos discursos, apresentados como conjunto de sentidos, constituindo uma espécie de querela.

Já dizia Pierre Bourdieu (1998) que uma forma eficaz de combater um discurso competente é também da mesma² forma, revestir-se e utilizar-se de algumas armaduras do poder e de hierarquias. Um discurso competente se combate com outro discurso competente. Para isso, é necessário nominar aquele que fala de determinado lugar, reconhecer como pertencente à esfera e hierarquia dos que falam para outros: aqueles que escutam e reconhecem (ou parecem reconhecer) a competência daquele que fala. Não é por outro motivo que muitas vezes anterior ao prenome de “cientistas” vem a sua posição do grau de especialidade. Nessa reportagem vê-se enfim, uma teia de relações de poder e discursos que estão presentes para a própria construção da matéria jornalística e do problema por ela lançado, como uma realidade que clama solução. A reportagem possibilita perceber a institucionalização da pessoa como autoridade:

Patrocinar ou não?

O professor Carlos Rodrigues Brandão, **especialista em folclore goiano**, **condena** o incentivo que se tem dado à matéria com verbas do turismo, “*porque não se transformam rituais religiosos e socialmente simbólicos em espetáculos de circo ao ar livre sem perda profunda e às vezes desastrosa de interesse e sentido*”. E enquanto Altimar de Alencar Pimentel, **da Universidade Federal de Paraíba**, teme que o mesmo venha a acontecer em seu Estado, **o folclorista gaúcho Paixão Cortês denuncia**: “*As projeções apresentadas ao turista sofrem as conseqüências da falsa cultura e da falta de pesquisa*” (REVISTA..., 1977, p. 85, grifos nossos).

Não há como negar a presença, na mesma reportagem, do caráter permitido aos intelectuais: de serem e atuarem como aqueles que possuem a capacidade de constante denúncia e exposição de alguns conflitos, o que pode ser polêmico em algum sentido, porém, a revista não chega a abafar totalmente a mensagem do cientista por utilizar ela própria o discurso dos professores/especialistas/folcloristas, como o caldo que dá sentido a própria matéria e torna o tema (assunto) em estado de discussão e polêmica. Do intelectual se espera, por exemplo, que se diga qual a margem entre o folclore e o estereótipo. O discurso do

² “O tal efeito de autoridade deve-se contrapor um efeito de autoridade”. (BOURDIEU, 1998, p. 73)

competente possibilita também a manutenção da polêmica construída, afinal, à reportagem contrapõem as opiniões dos responsáveis pela instituição de Governo/Estado, com as falas dos intelectuais. Porém, vale ressaltar, a denúncia só é permitida ou encarada como importante, na medida em que aquele que fala é visto e aceito como alguém que realmente tem algo a dizer e, que deve ser ouvido, colocando então, o possível denunciador no patamar de expressão da competência: “[...] o **professor** [Carlos Rodrigues] Brandão é **objetivo**: *“As manifestações se salvam quando são criadas condições de vida, de trabalho e de livre expressão para o povo que as produz a cada ano’.*” (REVISTA..., 1977, p. 85, grifos nossos). A autoridade não está destacada apenas em quem fala, mas também no como e no que é falado, no caso acima, a autoridade lança uma possibilidade, quase “receita”, de como se pode “salvar” as manifestações.

Com essa análise, estou diante da busca de construção de uma interpretação influenciado pelo paradigma de uma Sociologia Crítica ou pelo paradigma da Sociologia Pragmática? Expor representações da imprensa utilizando o intelectual e possibilitando ao mesmo agir sob relações de poderes (da sua especialidade) ao qual se reveste, é reconhecido e chamado a opinar, é então essa operação considerada Sociologia Crítica? Antes convém lembrar que não é por estar nessa posição de poder que a denúncia seja vazia, inexistente ou, no limite, que o papel dos que realizam saber, lazer e prazer escolástico sejam desinteressados do contexto em que vivem.

Nesse sentido, a última fala de Brandão acima citada, no que se refere à necessidade de não manter meramente a comercialização de aspectos culturais, mas garantir a liberdade de expressão e de condições mínimas de vida dos que realizam encenações folclóricas, expressa também a denúncia de outras relações de poder. Basta lembrar, por exemplo, que o momento dessa reportagem era da última ditadura civil-militar empresarial brasileira (1964-1985), o que soa bastante provocativa a apelação de Brandão em favor à liberdade. Não é porque se assume a condição do pesquisador como embebida também de interesses, paixões e poderes que o mesmo não possa exercer o ofício de crítica, mesmo que a fala de Brandão seja apresentada através da imagem e impacto de uma “crítica competente” e que é escutada pela imprensa e jornalistas, pois se espera dela um discurso de verdade.

A intenção desse artigo é justamente apresentar quando em diferentes momentos e situações um autor chama para si a capacidade em (e de) ser competente, na medida em que busca legitimar-se em campos no conjunto da vida social; ou melhor, constrói uma (auto)

representação sobre sua própria vida de maneira a sugerir desempenho em determinado papel no campo do saber ou ser sensível a determinadas questões.

Apropriando-se dos relatos de Carlos Rodrigues Brandão, uma variada e complexa representação em tornar-se autoridade é identificada, como se fosse mero reflexo do seu vivido, afinal, o autor quando se apresenta e representa em vários e diferentes momentos como especialista sobre determinado tema, não o faz de maneira direta, mas descrevendo seu passado e seu tempo presente, como se pretende mostrar na última seção desse artigo. Como se a vida automaticamente o tornasse o que realmente é. Algumas representações que a própria pessoa faz sobre si mesmo e como outros assim o também reconhecem? É com essa pergunta que se pretende adentrar nas escritas de si, sobre si, em Carlos Rodrigues Brandão.

Juntando diferentes representações ao longo do tempo, desse autor de livros que a reportagem da **Revista Visão** – utilizada para abrir esse trabalho – denominava em 1977 de: “professor especialista em folclore goiano”, caminha-se nesse texto no sentido de apresentar as representações sobre Carlos Rodrigues Brandão, realizadas por ele próprio e por outros. Para isso, antes é preciso entender o caráter ilusório e inventivo da biografia, já que essa é importante apelo de Brandão na construção da sua trajetória e discurso que variou ao longo do tempo sobre si mesmo e seus trabalhos.

1. Vida na linguagem escrita: invenção e ilusão

Grafia, escrever. Bio, vida. Biografia ou biografar implica necessariamente em inventar sentido(s). Como se sabe, não é possível escrever a totalidade da vida de alguém, a totalidade da “história do mundo” ou de qualquer acontecimento, principalmente porque totalidades são recortes; mesmo aquelas análises e pontos de vista que se autointitulam holísticos por abarcarem “um todo”. Esse pretendo todo, geralmente não é mais do que um aspecto focado na busca de tornar a análise inteligível, mas representada como de importância tal em explicar o que não seria entendível em outras análises não-holísticas. Os holistas acreditam que suas abordagens possuem capacidade de relacionar as diferentes ciências e áreas do conhecimento, por isso, seria um saber que resulta por si mesmo em uma totalidade.

É possível então, de um ponto de vista dito sistêmico (que abarca o todo), por exemplo, construir a história de vida de alguém? Relatar aspectos de vivências ou situações significa deixar de fora acontecimentos, opiniões, pensamentos, frustrações... ações – intencionalmente ou não – esquecidas. Biografia não é mais do que a capacidade de optar e escolher situações a serem incluídas na narrativa, e (conscientemente – inconscientemente) o

que deve permanecer na margem do esquecido, silenciado, escondido, das omissões e dos não-ditos, formando assim a dicotomia do que é hierarquicamente importante na biografia e o que é visto como “acazos”, detalhes “desimportantes” e, “coisas menores”. Biografar é selecionar o que entra ou não na história. Portanto, holismo como ferramenta biográfica é limitada, principalmente porque compreender o “todo” é, para não dizer impossibilidade, pretensão inviável e inexistente, pois a totalidade não se operacionaliza enquanto observação, tornando-se apenas uma invenção discursiva de uma “parte limitada” que se quer “amplitude de um todo geral”. O todo é apenas uma representação da realidade, assim como são também as demais categorias de análise: construções sociais.

Mais do que mera seleção parcial do que deve ser incluído e excluído em uma biografia, inventa-se de fato uma vida no momento da escrita tal como em romances, tecer uma narrativa “biografizante” é exercer práticas de encantamento. A biografia é antes de tudo, em termos de Pierre Bourdieu (1996), uma ilusão. As representações como trajetórias são influenciadas por concepção de tempo evolutivo, para não dizer cristão: o nascimento, florescimento, amadurecimento, morte e vida eterna, o tempo infinito, ou seja, de que o “ponto de partida” seja delimitado e seguido necessariamente pelo “ponto de chegada”. Biografar, iludir-se na medida em que se tenta fazer crer e apresentar como trajetória segura e incontestada, de que ao nascer, o destino de alguém é gozar (ou descansar) no tempo do juízo final e infinito. Para Bourdieu (1996, p.183), “falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história [...]”. Ilusão na concepção das trajetórias constituídas e previamente delineadas. Na intenção desse tipo de escrita está a ideia de que a vida é um todo organizado, coerente e orientado e que pode e deve ser apreendido, acompanhada em dar sentido, através de alguma lógica entendível. É bom lembrar, seguindo os passos de Bourdieu, que o próprio gênero biográfico possui sua história literária, que está em conformação com a tradição retórica:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixa de reforçar. (BOURDIEU, 1996, p.185).

Isso possibilita então questionar: biografias não deveriam ser realizadas? Apropriando-se das críticas de Bourdieu, de que a história de vida é uma das noções do senso comum que entraram com força no universo científico e de que a biografia é uma ilusão por entender a vida como uma história, consciente, portanto, dos limites e vícios biográficos, pretende-se

nesse trabalho seguir a análise de trajetórias de um pesquisador brasileiro, mas não buscando construir possíveis passos “coerentes” que o tornaram “conhecido”, ou escritor com vários livros publicados. A intenção aqui não é ter como objeto a trajetória de: “um antropólogo bem sucedido”, “educador popular de renome”, “folclorista” ou um “escritor-pesquisador importante” ou “menos importante”. Definitivamente, a posição não é de elencar como determinada pessoa chegou à determinada situação ou destino; pelo contrário, a ideia aqui é compreender como de fato, um pesquisador brasileiro descreve parte de sua própria biografia, focando ações acadêmicas e cotidiano de pesquisador. Do autor apresentado para análise nesse artigo, Carlos Rodrigues Brandão, doravante CRB, pretende-se a partir de alguns dos seus discursos (por mim selecionados e escolhidos) encontrar, no referencial de Bourdieu da biografia como ilusão, as autoapresentações e representações que CRB faz sobre sua trajetória e própria produção intelectual. Parece-nos um desafio, na medida em que se pretende utilizar como fontes as obras e exposições do autor na intenção de trazer suas reflexões e construir em parte, alguma coerência (o que criticava Bourdieu) para viabilizar críticas. O desafio expressa-se na medida em que o autor – que é objeto de estudo desse trabalho – apresenta suas trajetórias de maneira bastante difusa e diversificada, não como uma vida homogênea e linearmente determinada. Poderia ser diferente? Confirma, em certo sentido, ao exposto anteriormente, que alguma lógica ou “direção” da vida é apresentada apenas no plano da representação, da biografia, como coerente, pois a vida está longe de ter uma única e verdadeira direção. É possível questionar em que medida o antropólogo brasileiro perpetua a sua biografia como uma ilusão e, em que medida rompe com essa lógica? Talvez a pergunta mais sugestiva seja, compreender quais elementos o próprio CRB aponta sobre si mesmo e que podem ser encontrados nas autoapresentações do autor ao longo dos seus livros?

Em linhas gerais, a problemática sugerida nesse texto busca abordar como um autor seleciona determinadas situações e trajetórias (possivelmente representadas como coerentes) a respeito da sua própria vida de pesquisador-escritor. Ao fazer as escolhas do que deve ser dito sobre si mesmo, o que o mesmo autor sugere a respeito da sua trajetória influenciando seus escritos, o conjunto da sua obra e a concepção de mundo que ele próprio afirma ter. O que CRB diz sobre si mesmo em orelhas de livros, momentos de apresentação biográfica e reflexão sobre escolhas de temáticas de pesquisa são as fontes adotadas nessa pesquisa.

Alvo de críticas de Bourdieu, a realização de biografia não se torna necessariamente proibitiva, afinal, utilizando da mesma análise desse antropólogo-sociólogo francês, o historiador brasileiro Durval Muniz de Albuquerque buscou construir momentos de vida de

um personagem talvez mais cético do que Bourdieu acerca da biografia: Michel Foucault. Albuquerque ao selecionar traços de Foucault, utilizou-se também da ótica de Bourdieu para dizer que entendia a biografia como ilusão, porém, não deixou de realizá-la, mesmo quando tratando do filósofo-psicólogo que evitava enquadrar suas análises e buscava afastar-se do “catalogado”, do enquadramento e de ações aparentemente comuns em biografias convencionais. Biografar Foucault é também traí-lo assim como discordar de seu próprio pensamento, afirma Albuquerque:

Escrever uma biografia de Michel Foucault é como fazer-lhe uma traição, afinal, foi ele um dos primeiros pensadores a denunciar o caráter normativo normalizador da escrita biográfica. Invenção da modernidade, capítulo da invenção do indivíduo, a escrita biográfica é um gênero de discurso que visa dar uma coerência, construir uma homogeneidade, estabelecer uma continuidade para experiências que são por definição dispersas, fragmentárias, descontínuas. A vida de qualquer indivíduo está sempre em excesso em relação às palavras que falam sobre ela. Nenhum enredo é capaz de fazer aparecer em toda a sua multiplicidade a vida de qualquer pessoa. A biografia, como dirá Bourdieu, não passa de uma ilusão, pois busca construir retrospectivamente um enredo que atravesse uma dada vida, dando a ela uma teleologia, um objetivo que nunca esteve inscrito nela desde o começo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p.06).

Mais próxima provavelmente de uma Sociologia Pragmática, Helena Bomeny (2001) na intenção de entender a trajetória intelectual de Darcy Ribeiro, bem como as paixões do antropólogo brasileiro (e pedagogo indisciplinado, diz a autora) em implantar o modelo de educação universal e pública (influenciado pela Nova Escola), sendo Darcy Ribeiro fiel escudeiro de Anísio Teixeira³, Bomeny utilizou a obra de Norbert Elias, **Mozart: sociologia de um gênio**, como inspiração para perceber que quando uma novidade surge, torna-se difícil ter reconhecimento social sem antes vestir-se de poder:

O título que escolhi para este trabalho [Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado] é uma referência óbvia e direta ao livro de Norbert Elias, *Mozart: sociologia de um gênio*. É um título que sinaliza uma inspiração e define uma matriz de orientação teórica e metodológica. Traduz uma forma de tratar biografias e autobiografia de um ponto particular de visão. A defesa desse ponto a faz o próprio Elias: “*Não é meu propósito destruir o gênio ou reduzi-lo a outra coisa qualquer, mas tornar sua situação humana mais fácil de entender, e talvez ajudar, de maneira modesta, a responder à pergunta do que se deveria ter feito para evitar que acontecesse um destino como o de Mozart. Ao apresentar sua tragédia como tento fazer – e é apenas um exemplo de um problema mais geral –, pode ser que as*

³ “[...] a morte abrupta de Anísio Teixeira, em 1971 – por certo menos alardeada pela conjuntura de política autoritária que assolava o país – deixou espaço aberto a Darcy como herdeiro de um movimento e de uma bandeira. Até fevereiro de 1997, quando morre, Darcy Ribeiro manteve a Escola Nova em cena pública, bem como a agenda do movimento escolanovista em favor do ensino público, obrigatório, laico e gratuito no Brasil.” BOMENY (2001, p. 28).

“pessoas se tornem mais conscientes da necessidade de se comportar com maior respeito em relação aos inovadores” (BOMENY, 2001, p. 28).

Já em sua dissertação de mestrado publicada pela Editora da UFMG, assim como o livro de Helena Bomeny (2001), o sociólogo Luiz Carlos Jackson (2001 e 2002) busca traçar, segundo suas palavras, uma justa medida da contribuição de Antonio Candido ao pensamento brasileiro, construindo para tanto: a trajetória intelectual do crítico literário e sociólogo. Atento ao desafio na escrita biográfica, Jackson aponta a necessidade (e talvez impossibilidade) de afastar-se de sentimentos e admirações para melhor compreender o que buscava investigar: “A dificuldade maior [em realizar biografia], entretanto, é descolar das representações que se recobrem os autores estudados, desde aquelas construídas por eles próprios a respeito de si mesmos até as que fazemos deles, mediadas às vezes por grande admiração” (JACKSON, 2002, p. 16).

Buscando assim entender também parte da trajetória de um intelectual brasileiro, CRB, como foi feito a respeito de Darcy Ribeiro e Antonio Candido, pretende-se tomar como inspiração a afirmativa de Jackson (2001, p. 127) a respeito do autor de **Os parceiros do Rio Bonito**: “[...] a importância do autor na sociologia brasileira deve ser resgatada em justa medida, para que se evitem os extremos do esquecimento e da apologia.”

Finalizando esse momento da introdução com debate teórico acerca da biografia, volta-se a Bourdieu para ressaltar que as necessidades e objetivos entre aquele que escreve a biografia e aquele que é o biografado, podem (e muitas vezes são) de fronteira próxima, ou seja, de que a escrita da vida seja uma forma de satisfazer a ambos, o que em certo sentido, pode significar na construção de uma coerência da vida e da narrativa: “O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar o *postulado do sentido da existência* narrada (e, implicitamente, de qualquer existência).” (BOURDIEU, p.184). Portanto, pretende-se inserir na escrita de uma trajetória intelectual – mais propriamente como CRB representa-se – atento à subjetividade e mesmo sentimentos de valorar uma construção textual; construção que acaba por *inventar* uma vida, isso é biografar.

Observando as construções biográficas e as práticas narrativas e discursivas, Bourdieu também constatou a implantação e expansão das dinâmicas da biografia oficial impondo-se às demais situações para além da biografia institucional. As próprias autobiografias, como momentos de construção de sentido de produção de si mesmo, representam a tentativa em oficializar os momentos e quais vivências não podem faltar a qualquer escrita “das etapas da vida”, como se essas realmente existissem. Do autor analisado nesse trabalho, CRB, o auge do

reconhecimento da construção do intelectual ocorre quando o próprio Estado brasileiro reconhece esse indivíduo e sua ação, premiando-o com medalha de mérito e sendo congratulado pelo chefe do poder executivo na nação; é a coroação da institucionalização biográfica.

2. Identidades inventadas ou Diversas apresentações sobre o mesmo

A dimensão temporal é fundamental para compreensão de elementos e discursos que se alteram, somadas imagens construídas sobre um indivíduo em vários momentos e situações, tem-se como resultante representações incoerentes e diversas. O mesmo pode ser dito para as apresentações realizadas pela própria pessoa, que tendem a direcionar suas falas a determinadas situações, grupos e indivíduos, que parecem sofrer modificações ao longo do tempo.

Participando do Projeto de Educação Ambiental desenvolvido pelo Ministério do Meio Ambiente, em um livro direcionado a ambientalistas, organizações não governamentais e Instituições educacionais – intitulado **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável**, – na biografia o autor da obra, CRB, diz: “Quando menino vivia no mato (literalmente, pois a floresta da Gávea emendava com o quintal da minha casa, na Rua Cedro, 262) sempre que podia. Depois fui escoteiro, guia excursionista e guia escolar.” (BRANDÃO, 2004, p. 176-177). Remeter-se a vida na infância é a primeira frase e estratégia na apresentação do autor em um “livro sobre ambientalismo”, publicado pelo Ministério do Meio Ambiente ano de 2005 em 2ª edição. Uma criança – um menino – buscava tornar possíveis vivências no mato, como um espaço idealizado, mais do que isso, habitante da natureza que era o mato, já que “literalmente” a floresta da Gávea emendava com a residência. É perceptível que apenas essa referência à infância não torne o autor uma autoridade legítima para escrever livros ou assessorar o Ministério do Meio Ambiente. A busca pela legitimação de autoridade no trecho em que se refere à infância tem seu devido limite, porém, mantém o autor em estado do lúdico naquele momento e aspecto da vida, não parece contrastar o que se apresenta logo em seguida, o apelo à carreira científico-acadêmica: “Há mais de 15 anos convivo ativamente com estudos e movimentos ambientalistas e, de maneira especial, com educação ambiental.” (BRANDÃO, Ibidem). Aqui, é o caráter tempo de imersão nos estudos, bem como proximidade com a causa ambientalista e a educação ambiental, que o torna legítimo autor do livro e conhecedor do tema.

Essa é uma exemplificação e situação representativa do que havia dito Bourdieu sobre biografia – a ideia então de que há um fio condutor que liga toda a existência e que desemboca a trajetória em um todo coerente: o tempo. “Desde menino” já sendo habituado a mata, chega até o presente como autor de livro de educação ambiental e militante ambientalista. Como se no tempo final, que é o presente, fosse constituído apenas dos momentos de uma trajetória em evolução, o autor do livro de educação ambiental assim o é, pois desde a infância despertou a sensibilidade que foi desenvolvida em outras circunstâncias e momentos. Esse é um condicionamento do passado, um olhar realizado de maneira a naturalizar o presente a partir de algo que “sempre foi assim”, desde a fundação representada em algum evento. Esse início é o que se costuma chamar de mito fundador, ou busca por identificar as origens, como se a origem existisse por si mesma.

Como em romances e ficções, apresentar-se e autobiografar são inventos e aspectos de como parece ter sido a vida de alguém, no caso de CRB, a ideia e apego do autor pelo ambiente natural desde a infância, vai se fixando e tornando-se realidade pela contribuição e propagação por outros que o também enxergam como um ambientalista nato, como afirmou Ruben Alves:

Coisas que ele [CRB] faz me são incompreensíveis. Estava ele um dia trabalhando no seu jardim quando enfiou a mão debaixo de uma pedra para movê-la. Mas a pedra era morada de um escorpião. O escorpião defendeu-se. Aplicou-lhe o ferrão venenoso. Com a mão em brasa ele recolocou a pedra no lugar, pediu perdão ao escorpião por haver invadido sua casa e foi curtir a dor em outro lugar. Procede da mesma maneira se, por acaso, encontrar uma cobra atravessando a estrada. É vegetariano rigoroso, não sei se por razões dietéticas ou de amar os bichos (ALVES, 2006, p. 04)

Reforça-se no trecho acima a aceitação e naturalização de como uma pessoa relaciona-se com meio natural, apego aos animais etc. Como lembra ainda Rubem Alves, amigo de CRB, a respeito da religiosidade e opção de santo desse que passa a ser “educador ambientalista”: “O catolicismo de Brandão é do catolicismo de São Francisco”. (ALVES, 2006, p. 05). Esse é o exemplo de um todo coerente a respeito de quem seja CRB, passando pela religião, por sua relação com animais, infância na mata, inserção nos movimentos de proteção ambiental.

Em evento sobre campesinato brasileiro, CRB se apresenta como eminentemente urbano, em um espaço que parece quase ser impossível existência de mata, floresta ou qualquer outro aspecto do contato com a natureza. Carioca nascido e crescido entre prédios e casas do bairro (que são lembrados como tendo muitas árvores) de Copacabana, no Rio de

Janeiro, CRB remonta à sua origem urbana. Se no livro do Ministério do Meio Ambiente fora apresentado menino que tinha no jardim a Floresta da Gávea, como dito anteriormente, talvez como maneira de se apresentar atento aos estudos da educação ambiental e também legitimar sua posição como autor desse tema, CRB critica José de Souza Martins, justamente porque esse sociólogo afirmou que os semelhantes se atraem na realização de suas pesquisas, ou que a origem social do indivíduo influi nas escolhas de temas e perspectivas de pesquisas. CRB pergunta por que algumas pessoas estudam o rural e se dispõem a tê-lo como objeto de estudo e tema de pesquisa: “Em primeiro lugar, gostaria de falar sobre quem se dispõe a trabalhar com o mundo rural. Quem dispõe? O que nos leva geograficamente a isso, já que é uma escolha meio difícil.” (BRANDÃO, 2004, p. 129). Discorda do que havia dito Martins a respeito da origem das pessoas que fazem pesquisa sobre o rural nas ciências sociais, diz CRB:

[...] estou falando isso porque o [José de Souza] Martins gastou longa parte da fala dele para traçar a biografia de um menino nascido em Pinhalzinho e que teve toda uma primeira socialização no meio rural dessa região, próxima a Serra Negra, Socorro, Estado de São Paulo. Não sei se vocês sabem, o Martins foi operário quando era ainda garoto numa fábrica de cerâmica em São Caetano. Ele começou a reconstituir essa história para, de alguma maneira, tentar estabelecer uma teoria que eu furei logo depois com o meu exemplo, e o pior é que ele conhecia a minha história. Ele falava que, em algumas áreas das ciências sociais, os semelhantes se atraem, negros pesquisam negros, homossexuais pesquisam homossexuais e as pessoas nascidas na roça pesquisam gente nascida na roça. O que seria uma coisa muito interessante e extremamente oportuna, quebra até com essa hierarquia maldita de que sempre somos nós que falamos de outros. (BRANDÃO, 2004, p.129).

CRB cita a profissão de operário de José de Souza Martins quando garoto, talvez fosse de se esperar que dissesse a respeito da sua juventude e traçaria um paralelo da infância na floresta carioca? Mas estaria CRB concordo com Martins, e para discordar daquele que foi seu orientador no doutorado, CRB relata a sua origem urbano-carioca:

Quando Martins acabou de falar, eu disse: “*Pois é, Martins, mas eu nasci em Copacabana, sou carioca, e dediquei a minha vida quase toda a pesquisar negros e camponeses e, em alguns momentos, camponeses negros, por isso, acho que a sua teoria não é tão forte assim*”. Aliás, há vários outros casos, veja o exemplo dos irmãos Otávio Jorge Velho e o Gilberto Velho, da Antropologia. Os dois nascidos também em Copacabana, no Rio de Janeiro. Enquanto o Gilberto pesquisou, preguiçosamente, o edifício onde morava e escreveu um belo livro chamado *A utopia urbana*, o Otávio, na mesma ocasião, os dois faziam mestrado juntos, foi para o sul do Pará pesquisar comunidades camponesas. E o livro de Gilberto, preguiçoso, vendeu muito mais do que o do Otávio. Afinal, as pessoas apreciam muito mais conhecer o que acontece no edifício da rua Bolívia, em Copacabana, do que nas beiras do rio Tacari, lá no sul do Pará. (BRANDÃO, 2004, p. 129).

Não há como responder o que levou CRB a não comentar nesse evento suas vivências infantis nas florestas cariocas. Interessa ressaltar o posicionamento que buscava apontar o

caráter urbano de sua origem, mesmo que para isso fosse necessário silenciar a respeito de outras vivências que pudessem não tornar viável sua discordância em relação à Martins, qual seja: de que a origem do pesquisador nas ciências sociais não condiciona a opção pelos temas do mundo rural, ser “estrangeiro” ou estranho ao rural é também uma possibilidade de inserir-se enquanto pesquisador, seu caso.

A construção de identidades intelectuais e de temáticas de pesquisa não está necessariamente ligada à experiência biográficas dos indivíduos. Mesmo a origem urbana de uma grande cidade brasileira, não impediu que CRB se fizesse, ou melhor, se apresentasse como “engajado nas causas ambientalistas desde a infância”, é o que tornava também pesquisador do rural, vindo de fora do espaço rural, vindo do urbano ao rural. Essa origem não impede que o autor seja visto, construído e entendido como um sertanejo, como parece ter se referido quando do prefácio da sua tese de doutoramento publicada. Na parte biográfica do livro *Memória/Sertão* se diz sobre o autor:

Sobre Carlos Rodrigues Brandão

No prefácio de um de seus livros “*Os Deuses do Povo – um estudo sobre religião popular*”, José de Souza Martins começa dizendo: “Carlos Rodrigues Brandão é um caipira legítimo nascido em Copacabana, pois ali ele nasceu em algum dia do mês de abril de 1940. Viveu no Rio de Janeiro até os 26 anos. Antes de se tornar antropólogo e professor universitário, sonhou em ser piloto de aviões, foi guia de escaladas de montanhas e preparou-se (com maus resultados antecipados) para um vestibular de Engenharia Florestal” (BRANDÃO, 1998, orelha do livro).

Das falas que perpassam quem seja CRB e como ele fora apresentado tem-se em síntese as seguintes representações: ambientalista e educador ambiental; professor da área de educação popular e alfabetização em faculdade de educação; antropólogo e professor de Antropologia em universidades diferentes que passou; nascido no bairro urbano de Copacabana e caipira do mesmo bairro... seriam todos esses territórios que percorrem e configuram esse autor?

Desde àquela reportagem da **Revista Visão** (de 1977) apresentada na parte inicial desse artigo, permanece a apresentação de CRB como “professor” – assim se referia à reportagem na época e quase todos os textos dos livros em que faziam referência a ele –, porém a expressão folclorista ou “especialista em Folclore de Goiás” já não está mais presente em grande parte das obras posteriores a década de 1970, o que demonstra do ponto de vista histórico o caráter de permanentes alterações e rupturas que ocorrem ao longo do tempo. Constata-se algo diferente do apresentado na obra **Cultura na rua**, em que se diz que CRB “**Sempre atuando na área de Antropologia**, foi professor durante oito anos na Universidade

Federal de Goiás e professor na Universidade de Brasília.” (BRANDÃO, 1989, orelha do livro, grifos nossos).

Cruzam-se nas apresentações de CRB diversos personagens e diferentes aspectos e facetas da suas trajetórias. A questão não é descobrir quem realmente é o autor ou como foi sua vida; essas são problemáticas geradas e envolvidas na *ilusio*, segundo Bourdieu. Alguns anos após o autor ser admitido na Ordem do Mérito Científico na classe Comendador, por suas contribuições prestadas à Ciência e Tecnologia⁴, não se esqueceu em alguns livros seus, mencionar que CRB recebera tal comenda e homenagem. É apresentado na orelha do livro de sua autoria: **Paulo Freire, o menino que lia o mundo** da seguinte maneira: “Carlos Rodrigues Brandão é membro do Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) e professor convidado da Universidade Federal de Uberlândia/MG” (BRANDÃO, 2005, orelha do livro).

O trecho finaliza apresentando o autor, em certo sentido, com a incorporação na sua biografia do reconhecimento governamental e institucional: “Em 1998, foi agraciado com a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico, por decreto da Presidência da República do Brasil.” (BRANDÃO, *Ibidem*). O reconhecimento por parte governamental da vida de CRB é também incorporado na própria biografia do mesmo, ou seja, ter sua trajetória de vida acadêmica reconhecida é também um evento da própria vida de CRB; evento de 1998: agraciado pela Comenda na Ordem Nacional de Mérito Científico permanece e é representado em livro do ano de 2005.

Considerações Finais

Que a biografia é uma ilusão, Bourdieu nos legou a refletir, como se apresentou nesse trabalho. Associou-se a possibilidade de mapear a difusão de representações que uma pessoa pode fazer sobre si mesma, que torna até objeto de humor, na medida em que é exagero.

Pensar o quanto de comportamento ambiental está incrustado em CRB é interessante exemplo. Passando pela infância em uma possível floresta urbana, pelo envolvimento com movimentos ambientais, pelo recebimento de ferrão por um escorpião, por ser seguidor de São Francisco, por não comer carne e amar os bichos... são as pessoas e o próprio indivíduo que se cria como personagem, como se fosse ator em pleno palco atuando, “assim eu sou, assim você me vê”, diríamos a respeito do que se vê sobre CRB.

4 O decreto presidencial que admitiu Carlos Rodrigues Brandão, na área de Ciências Sociais a Ordem Nacional do Mérito Científico, classe “Comendador”. Brasília, 15 de outubro de 1998. Publicado no D.O.U. de 16/11/1998, Seção I, Pág. 2. Em: <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/72843.html>>.

A autoridade é construção que se realiza a partir dos papéis socialmente reconhecidos que se impõe nas relações de poder que envolvem qualquer saber. Esse autor/personagem objeto de estudo foi reconhecido e chamado a opinar lá na década de 1970, quando uma revista publica informações e opiniões de folcloristas. A autoridade para ser reconhecida como tal precisa também se apropriar e criar elementos representativos de si, mesmo que em um primeiro momento possam parecer insignificantes, mas as imagens de saber e de viver passam a fazer parte da legitimação do papel que exercem; se isso se tornou claro ao longo desse trabalho a respeito de CRB, o objetivo aqui foi atingido.

Porém, também foi dito que mesmo exercendo papéis e poderes simbólicos, não é retirado automaticamente do intelectual sua possibilidade de constante denúncia, mesmo que exercida sob arauto de algum pretense saber. Para finalizar, foi dito em diferentes partes desse artigo, a condição de invenção que predomina na escrita sobre a vida, mesmo que essa escrita seja encoberta pelo caráter da veracidade. O que não foi dito é que o próprio autor, CRB, não é passivo à discussão. Sabe ele, como descreveu em um livro de sua autoria, a ficção e a dificuldade em trazer para palavras escritas o que a vida nos diz de diferentes formas e maneiras. Para finalizar, o caráter da dúvida permanece sobre a vida, de que a verdade é também uma invenção e de que o sentido da vida é de que a vida não tem sentido, ou melhor, de que seus sentidos são socioculturalmente construídos. É com a constatação e pergunta lançada pelo próprio CRB que se encerra a proposta desse trabalho, afinal, o autor aqui estudado também entende e reflete que a biografia é uma construção de sentido para algo que chamamos vida:

Sempre parece que Riobaldo acredita que está narrando o fio da verdade. Que está depondo por vontade própria, e está sendo franco. Mas, se sabe sobre o que está falando, ele, muitas vezes, parece não estar sabendo o que está dizendo. Ele, vimos, narra o que aconteceu: o acontecimento, para que o outro devolva a ele, mesmo em silêncio, o sentido do evento. Ele sabe dizer a sua vida, como foi, mas não sabe entendê-la como ela é. Acaso não é a mesma coisa que se passa com todos nós? Se todos conhecêssemos o sentido de tudo, para que dizer alguma coisa a alguém? (BRANDÃO, 1998, p.148).

Referências bibliográficas

AGRIKOLIANSKY, Éric. **Biographies d'institution et mise em scène de l'intellectuel**: Les candidats au comité central de la Ligue de droits de l'homme entre 1945 et 1975. Politix, Année 1994, v.7, n.27, p. 94-110.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Michel Foucault ou como nos tornamos sujeitos, **Revista de Educação NESP**. São Paulo, n.3. 2006, p. 06-15.

ALVES, Rubem; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Encantar o mundo pela palavra**. Campinas: Papirus, 2006.

BOMENI, Helena. **Darcy Ribeiro**: sociologia de um indisciplinado. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Márcia de Moraes (coordenadoras). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 183-191. (Ca.13 do livro)

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**: táticas para enfrentar invasão neoliberal. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória/Sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e Manuelzão. São Paulo: Editorial Cone Sul; Uberaba: Ed. Uniube, 1998.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sobre a tradicionalidade rural que há em nós. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; MARQUES, Marta Inez M. (Orgs). **O campo do Século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Casa Amarela e Paz e Terra, 2004, p.121-131.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos**: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável. 2.ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005. (Apresentação de Marina Silva e Jorge M. Samek.)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo**: uma história de pessoas, de letras e palavras. Participação Ana M^a Araújo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

JACKSON, Luiz Carlos. A tradição esquecida: estudo sobre a sociologia de Antonio Candido, **Revista brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 47, 2001, p. 127-140.

JACKSON, Luiz Carlos. **A tradição esquecida**: os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MARTINELLO, André Souza. **Cotidiano em mudança**: o rural brasileiro a partir da obra de Carlos Rodrigues Brandão. 2010. Dissertação de mestrado - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FOLCLORE brasileiro só para turista ver?, **Revista Visão**, p. 84-88, 5 set. 1977. [Pesquisa realizada no acervo da Biblioteca Gladis Fontes do Amaral – na UFRGS].